

4 Videogravação, pesquisa e intervenção: relato de uma experiência

Toda intenção estética, política ou epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem.

Vilém Flusser

Neste capítulo abordaremos o uso do recurso da videogravação no âmbito da prática de pesquisa realizada no GIPS¹. Nossa intenção é retomar as discussões e análises das práticas de campo realizadas no âmbito de um trabalho de pesquisa com jovens, intitulado “Perspectivas da juventude no mundo contemporâneo”, abordando temáticas específicas em torno deste tema mais amplo. Analisaremos especialmente o trabalho de campo realizado na pesquisa “Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais”².

Não pretendemos apresentar os resultados desta pesquisa específica, mas apenas analisar a metodologia utilizada, com destaque especial para o uso da câmera e suas interferências no trabalho de campo, bem como o modo como produzimos posteriormente o documentário: “Próxima Parada: Juventude”.

Tencionamos, com isso, problematizar o uso da câmera para além da função de registro. O que se pretende é colocar em discussão o uso da técnica, no caso a câmera de vídeo, como um aparato que afeta duplamente a produção de conhecimento, tanto no momento da atividade de campo, como posteriormente na análise e edição das imagens selecionadas para a apresentação dos resultados da pesquisa.

Desta forma, realizamos uma discussão a respeito daquilo que os trabalhos de campo possibilitaram avançar em termos das especificidades da relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, uma vez mediados pelo uso da câmera de vídeo, e quais os desdobramentos que este uso impõe ao pesquisador, quando após

¹ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

² Estamos nos referindo à dissertação de mestrado de Carolina Salomão Correa, defendida no Departamento de Psicologia da PUC-Rio em 2010.

o encontro com os seus interlocutores se propõe a produzir vídeo-documentários³ com o intuito de fazer circular os discursos em outros espaços para além do meio acadêmico, engrossando ainda mais as discussões a respeito das temáticas abordadas.

Cabe ressaltar, que não pretendemos com essa proposta metodológica usar o recurso da vídeogravação como modo de capturar os depoimentos dos sujeitos da pesquisa apenas para registro, a fim de ilustrar através da imagem técnica aquilo que surge sobre determinado assunto. Na contramão disto, nossa intenção é construir uma forma específica de uso da câmera na pesquisa, buscando compreender melhor o efeito que desencadeia em todos os envolvidos, desde os participantes até o público que irá assistir ao vídeo, passando necessariamente pela subjetividade dos pesquisadores envolvidos.

Portanto, nosso interesse principal consiste em buscar compreender o modo como se caracteriza a relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa quando nos propomos a utilizar o recurso da vídeogravação como instrumento de mediação técnica na produção do conhecimento em ciências humanas.

Dividimos o processo a partir do qual desenvolvemos um modo específico de uso da câmera de vídeo em pesquisa, em três etapas: a) filmagem da dinâmica da pesquisa de campo; b) criação do roteiro e edição do documentário; c) retorno

³ O vídeo-documentário de média-metragem “AIDS – transformando casos em histórias” (2004), realizado por Gamba Jr. e Solange Jobim e Souza, com apoio da FAPERJ e CNPq, pode ser considerado o primeiro a ser produzido a partir do uso da câmera num trabalho de campo no âmbito do GIPS. No decurso deste trabalho foram realizadas oficinas de recriação de histórias de vida sobre a AIDS, com a participação de três grupos de extratos sociais distintos, quais sejam: sujeitos soropositivos que participam do Grupo Sim à Vida, uma ONG voltada para as questões da AIDS; moradores de baixa renda residentes na comunidade de Vila Canoas em São Conrado, bairro da cidade do Rio de Janeiro; alunos universitários do curso de graduação em Psicologia da cidade do Rio de Janeiro. A proposta foi de que os participantes se confrontassem com imagens publicitárias de campanhas de prevenção da AIDS e assistissem ao filme “Noites felinas” (1993), para então debaterem acerca da temática da AIDS mediados pela presença da câmera. Maiores informações no texto “AIDS – Transformando casos em histórias: uma pesquisa intervenção” de Gamba Jr e Jobim e Souza, publicado na Revista de Psicologia Política, vol. 7, N. 13, 2007. <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewissue.php?id=2>
Acesso ao vídeo documentário “AIDS – Transformando casos em histórias” <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/gips/>

ao campo para apresentação do documentário para os sujeitos que participaram da pesquisa.

4.1

A filmagem da dinâmica da pesquisa de campo

Iniciamos a discussão sobre o uso do vídeo em pesquisa com jovens, no ano de 2008⁴. Desde então, a preocupação epistemológica tem sido em analisar as estratégias metodológicas que estão sendo criadas a partir do uso da vídeogravação nos diferentes trabalhos de campo (Oficinas, Rodas de Conversa, entrevistas em grupos) desenvolvidos nas pesquisas específicas com este público alvo, jovens de diferentes segmentos sociais.

Desenvolvemos uma discussão mais sistemática a respeito do uso da câmera, a partir das filmagens realizadas no trabalho de campo desenvolvido no âmbito da pesquisa “Juventude, educação e política: pesquisa e extensão em um pré-vestibular comunitário”⁵, realizada com jovens de pré-vestibular comunitários. Foram realizadas duas oficinas com cerca de 30 jovens. Estas oficinas tinham como objetivo ouvir o que os jovens tinham a dizer a respeito do projeto de ingressar em uma universidade e da experiência de frequentar um pré-vestibular comunitário.

Durante as oficinas, propomos uma formação dos jovens em círculo e posicionamos a câmera fora do seu centro. Em contato com as imagens capturadas

⁴ Anteriormente, o grupo já vinha problematizando o uso deste recurso técnico em pesquisa acadêmica, porém este uso não estava relacionado a pesquisas especificamente realizadas com o segmento jovem da população. Ver na bibliografia o texto “Interatividade audiovisual e produção da subjetividade”, de Maria Florentina Camerini e Solange Jobim e Souza (2002), em que as autoras exploram os desdobramentos causados pelo uso da câmera mediando as interlocuções desenvolvidas no âmbito de um trabalho comunitário realizado com populações de baixa renda residentes nas favelas da Rocinha e da Vila Canoas em São Conrado, na cidade do Rio de Janeiro. Em 2008 realizamos duas diferentes oficinas de debates com utilização de vídeo-gravação, envolvendo jovens entre 18 e 30 anos, sobre os seguintes temas: Juventude e política; Juventude e religião. Estes trabalhos de pesquisa constituíram um primeiro momento de produção de imagens gravadas em um contexto específico de pesquisa acadêmica com o público jovem. Neste momento, o objetivo era analisar os limites e possibilidades do uso da técnica, descrevendo de forma minuciosa a relação do pesquisador com o campo, mediada pela câmera. Todo o material gravado no trabalho de campo com o público jovem se revelou uma promissora base empírica a partir da qual foi possível elaborarmos as reflexões preliminares sobre o processo de interlocução, mediado pela câmera, entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, com um foco especial sobre os impactos gerados.

⁵ Trabalho de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido por André Werneck Barrouin que originou a monografia intitulada “O pré-vestibular comunitário como espaço de subjetivação e implicação política da juventude”, 2009, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Solange Jobim e Souza.

nas oficinas pudemos revisar algumas escolhas metodológicas referentes ao lugar ocupado pela câmera na dinâmica dos grupos, levando-nos a pensar em conjunto redefinições para o uso deste aparato técnico.

No momento de análise das imagens, percebemos que ao longo das filmagens havia a pretensão de minimizar a presença da câmera nas dinâmicas realizadas, usando-a apenas para registrar o encontro com os jovens como forma de captura dos discursos, sem atentarmos para as suas implicações no campo. O fato de situarmos a câmera fora do círculo de discussão, deflagrou o modo como estávamos indo ao encontro dos nossos interlocutores, ainda muito alicerçado pela busca por apreender o momento da elaboração do discurso a partir de uma suposta neutralidade, como se fosse possível acessar uma dada verdade sobre o campo reveladora de um conhecimento que já estaria lá, mesmo antes de nos aproximarmos dele.

Este fato ocorrido nos remete à discussão epistemológica feita no primeiro capítulo a partir do filme documentário *Santiago* (2008), demonstrando - a exemplo da postura assumida pelo diretor João Salles durante as filmagens - o quanto somos em larga medida influenciados pelo paradigma positivista de conhecimento e verdade, ainda que nossas leituras teóricas nos orientem na direção contrária a essa perspectiva.

Assim como o diretor João Salles filmou *Santiago* de um modo distante, usando a câmera como uma espécie de anteparo que o mantinha afastado de seu personagem, ao posicionarmos este aparato técnico fora do centro do debate, sem que percebêssemos, assumimos uma postura objetivista no campo, supondo ser possível adotarmos uma neutralidade com relação a nossa presença nele.

Ao problematizarmos essa postura em nossas discussões, decidimos mudar nossa estratégia metodológica, passando a organizar os jovens em semicírculo e situar a câmera defronte ao grupo de participantes, numa atitude de legitimação de sua presença no campo, e, portanto, de nossa participação no processo de construção de sentidos na prática de pesquisa.

Ainda assim, em princípio, nos vimos extremamente desconfortáveis com esse redimensionamento no uso da câmera. Este desconforto se deve a dificuldade que temos em nos desvencilharmos do ideal de que os aparatos técnicos, no caso a câmera de vídeo, ensejam a possibilidade de conhecimento do outro e do mundo

de um modo verdadeiro e definitivo, servindo-nos como representação fiel da realidade.

Assim, a câmera deixou de ocupar um lugar pretensamente neutro, usada de modo a silenciar sua presença e afetar o menos possível o discurso dos sujeitos, sendo, pelo contrário, concebida como um terceiro sujeito na cena, capaz de interferir nas próprias atividades desenvolvidas no trabalho de campo. Esta redefinição no uso da câmera favoreceu e dificultou o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas e desejos, que foram sendo incorporados na forma como nos relacionamos com os sujeitos da pesquisa.

Deste modo, o posicionamento da câmera no centro das dinâmicas propostas reconfigurou o lugar do pesquisador e da mediação técnica, enquanto atores que participam ativamente do desenvolvimento da pesquisa. Nesse tipo de experiência a câmera torna-se um aparato técnico, cuja presença visível, favorece uma relação intersubjetiva entre quem filma (o pesquisador), a câmera, e aquele que é filmado (o sujeito da pesquisa). Portanto, a postura de assumir a presença da câmera no campo reafirmou nossa crença no encontro da tríade pesquisador/câmera/sujeitos da pesquisa, como possibilitadora de avanços na produção de conhecimento em pesquisa acadêmica.

O trabalho de campo da pesquisa “Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais”⁶ foi realizado a partir de três oficinas, caracterizadas como “Rodas de Conversa”⁷. A primeira foi realizada com estudantes da PUC-Rio, a segunda com estudantes da UERJ e a terceira com alunos do Projeto Pró-Jovem de Belford Roxo. Após o desenvolvimento do trabalho de campo desta pesquisa foi produzido o vídeo-documentário intitulado: “Próxima Parada: Juventude”.

⁶ A pesquisa, realizada com jovens entre 18 e 29 anos, se propôs a investigar o modo como determinados grupos de jovens vivenciam a violência e explicitam a compreensão do risco e da vulnerabilidade a que estão expostos, bem como a relação que estabelecem com a iminência da morte.

⁷ As “Rodas de Conversa” assumem uma função metodológica similar a que Gamba Jr e Jobim e Souza (2007) designam como “Grupos Focais”. Os autores definem tais dinâmicas como “forma de investigação qualitativa, utilizada em pesquisas de intervenção sócio-cultural, cujo propósito é produzir conhecimento sobre um determinado tema da atualidade e que está presente no cotidiano das práticas sociais.”.

Desde o início desta pesquisa, tínhamos a intenção de problematizar a presença da câmera em duas frentes, quais sejam: no campo, mediando o encontro com os jovens e, posteriormente, possibilitando a produção do vídeo-documentário.

A metodologia deste trabalho de pesquisa foi dividida em três etapas: num primeiro momento realizou-se a coleta e o arquivamento de notícias do jornal “O Globo”, ao longo de nove meses, relativas a situações de risco, vulnerabilidade e óbito envolvendo jovens no Brasil. Num segundo momento, as notícias coletadas serviram como mote para desencadear o debate, gravado em vídeo, com os jovens de diferentes segmentos sociais. Na terceira etapa procuramos os jovens participantes para apresentarmos o vídeo-documentário produzido a partir dos encontros realizados.

A proposta do uso das notícias de jornal fora disparar um debate acerca da temática, de modo que os participantes pudessem discutir sete recortes de notícias de jornal, previamente selecionados de um total de aproximadamente 230 notícias. Com a câmera voltada para dentro do semicírculo em que os integrantes estavam posicionados, os participantes eram divididos em trios ou quartetos e recebiam, respectivamente, duas ou três notícias para serem lidas e debatidas. Após leitura em conjunto, os grupos eram convidados a apresentar as notícias lidas para os demais participantes.

Em todas as dinâmicas realizadas, não queríamos capturar apenas o discurso de quem “estava com a palavra”, mas também as expressões daqueles que estavam ouvindo, e para alcançarmos tal objetivo utilizamos sempre duas câmeras. Desta forma, a câmera principal capturava o discurso dos que falavam, enquanto a outra câmera, mais simples e de fácil portabilidade, era usada para registrar as reações dos demais participantes com relação ao que era dito.

A presença de duas câmeras constitui para nós uma estratégia metodológica que está teoricamente embasada na noção de *dialogismo* presente no pensamento de Mikhail Bakhtin (1895-1975), mencionada no capítulo anterior. A partir desta estratégia, pudemos através da produção do vídeo-documentário, demonstrar que os discursos são inteiramente enformados pela arena onde o encontro com os outros se dá, devendo, portanto, ser abordados sem perder de vista o contexto específico em que acontecem.

Deste modo, registrar o diálogo entre os interlocutores dispostos na cena da pesquisa, através do uso de duas câmeras, permitiu uma maior tomada dos conflitos gerados no campo. Este método deflagrou ainda mais o jogo de tensões que perpassa todo o processo de construção de sentidos, enfatizando inclusive o lugar ocupado pela equipe de pesquisadores.

Embasados pelas leituras de Bakhtin, sabíamos que tão importante quanto capturar o sujeito que profere o discurso, fazia-se imprescindível dar a ver o modo como seus interlocutores escutavam aquilo que era dito, pois aquele que ouve é um autor em potencial; escutar é um ato criativo, uma posição ativa que necessariamente informa uma resposta.

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (Bakhtin, [1952-53] 1992: p.271)

A presença de duas câmeras tensiona de um modo ainda mais evidente o contexto dialógico em que o encontro do pesquisador e seu outro, sujeito da pesquisa, se desenvolve. As interações, os conflitos, em suma, os sentidos criados na relação eu/outro, podem ser desvendados a partir de dois ângulos distintos contemplando de um modo mais amplo o acontecimento único do campo.

O fato de ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, termos posicionado a câmera no centro do debate, significou assumi-la enquanto ator que participa ativamente da produção de sentidos, mediando nossas relações com os sujeitos participantes. Esta postura deflagrou o quanto os jovens construam os seus discursos para e com a câmera, dando mostras explícitas do reconhecimento que fazem do significado outro gerado pela sua presença.

Dentro desta perspectiva de produção do conhecimento, a câmera se junta ao pesquisador e aos sujeitos da pesquisa, interferindo na construção dos discursos

e das narrativas. Os sentidos são, portanto, negociados no encontro entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, mediado pela presença da câmera.

Um exemplo das implicações e desdobramentos da presença da câmera na dinâmica das “Rodas de Conversa” pôde ser constatado num fato ocorrido no encontro realizado na UERJ. Depois de terminada a filmagem, fomos surpreendidos por duas participantes que regressaram ao local para interrogar o que faríamos daquele material, demonstrando explícita preocupação acerca de algumas informações reveladas diante da câmera. Esse fato constitui uma significativa ilustração do modo como a experiência de ser filmado atravessa a produção de discursos e de sentidos tecidos no campo da pesquisa.

A câmera tornou explícita a preocupação com a repercussão das falas em outros espaços públicos, uma vez que todos levavam em consideração que aquele momento não se extinguiria e as possibilidades de reprodução das imagens e das falas eram infinitas. Os jovens encaravam não apenas nós todos, atores humanos presentes, mas principalmente o aparato técnico, reconhecendo nele um dispositivo capaz de eternizar o seu discurso, lançando-o para além daquele contexto específico, o que se mostrou bastante instigante para boa parte dos participantes.

Durante as “Rodas de Conversa”, observamos que em alguns momentos o desenvolvimento das falas dos jovens era intercalado com pausas e hesitações. No curso do raciocínio havia por vezes um constrangimento, o que nos levou a pensar na relação estabelecida com a câmera oscilando entre uma espécie de estranhamento e naturalização por parte dos jovens. Isso aponta para uma ambigüidade com relação à presença da câmera, ora esquecida, ora lembrada, por parte dos interlocutores no contexto de um debate. Ao mesmo tempo em que inibiu a participação na dinâmica num primeiro momento, em seguida a câmera foi sendo pouco a pouco incorporada, passando a ser vivenciada entre um registro e outro, entre familiar e estranha para os participantes.

Tal qual visto no primeiro capítulo, no âmbito da discussão proposta por Marília Amorim (2001) com relação à tensão permanente entre aproximação/identidade e distância/alteridade, vivida pelo pesquisador na relação que estabelece com o seu outro, também a presença da câmera impõe uma espécie de ambivalência na relação com os sujeitos, oscilando entre familiar e estranha.

Outro fator ocorrido revelador do lugar ocupado pela câmera como um importante ator no campo, pode ser exemplificado pela atração que, em geral, desencadeia nos participantes. Frequentemente, enquanto um deles desenvolvia uma linha de raciocínio, os outros fixavam parte da atenção na câmera, revelando uma série de sentimentos tais como fascínio, estranhamento, timidez, promovidos pela sua presença.

Segue abaixo exemplos do reconhecimento da presença da câmera e de suas implicações nas performances e narrativas desenvolvidas:

Érica: Porque na verdade, filmado acaba atuando um pouco também, né? Porque a gente acaba mudando a nossa fala, a gente quer aparecer de um modo diferente, um modo melhor. Até acho interessante, por exemplo, quando tem pesquisa assim em reportagem em sala de aula, aí põe a câmera em sala de aula, a turma fica toda quieta, como se fosse assim sempre. E na verdade não, é porque as pessoas querem passar uma imagem diferente, né, uma imagem certa.

Ana Carolina: Vou fazer um curso de teatro pro próximo encontro.

Os trechos citados acima deixam entrever outra questão interessante que surgiu a partir do uso da câmera, qual seja: a construção de um personagem por parte daquele que é filmado. Ao emitir enunciado para a câmera, o sujeito cria um personagem sabendo-se simultaneamente ator e espectador de si mesmo, pois está sendo mediado por um aparato técnico capaz de reproduzir a sua performance em outros espaços. Portanto, pôde-se observar que os depoimentos dos jovens foram frequentemente encenados, tensionando realidade e ficção.

Essa questão da construção do personagem aponta para a especificidade de falar a partir de um registro responsável por armazenar a experiência de se expressar numa memória capaz de sobreviver à passagem do tempo. Os jovens nos deram mostras de que sabem que aquilo que é dito para a câmera extrapola os limites dos ouvintes presentes, eternizando-se num universo muito mais alargado.

Essa possibilidade de reprodução das falas em outros espaços estabelece condições que fazem dos discursos um ato público. Desta forma, observamos que a presença da câmera sublinha a responsabilidade pelos atos praticados, impondo uma maior implicação dos participantes na pesquisa. Na condição de um aparato técnico capaz de gerar conseqüências mais amplas a uma fala por meio da reprodução das imagens, a câmera responsabiliza ainda mais o falante por aquilo

que diz. Os sujeitos sabem que estão expostos a um dispositivo técnico que unifica imagem e som, expressões e fala, registrando uma representação de si que só acontece uma única vez, sendo capaz de transportá-los para outros contextos.

Desta forma, cabe pensar sobre as implicações de uma narrativa mediada pelo recurso áudio-visual. Se os discursos são construídos para e com este dispositivo técnico, quais as especificidades que surgem no modo como as narrativas são tecidas neste contexto?

4.2

Criação do roteiro e edição do vídeo-documentário

O roteiro para produção do documentário: “Próxima Parada: Juventude” seguiu a mesma estratégia metodológica traçada para o trabalho de campo, valendo-se, portanto, do modo como as “Rodas de Conversa” foram realizadas. Ou seja, a exemplo do que fizemos nas dinâmicas com os jovens, em que as notícias de jornal desencadearam o debate, novamente as utilizamos como forma de organizar os principais assuntos discutidos.

No documentário, antes de apresentarmos o discurso dos jovens ao espectador, mostramos uma “chuva de notícias” sobre a temática, até que a imagem se fixava em uma determinada notícia que permanecia em destaque, no centro da tela, apresentando para o espectador a questão específica que iria ser discutida a seguir. Desta forma, as notícias de jornal foram, neste momento, utilizadas como estratégia para a organização da edição das imagens. A proposta era apresentar ao espectador o assunto que deflagrava o debate dos jovens, para em seguida entrarem as imagens dos depoimentos, das opiniões dos jovens construídas naquele contexto específico com a presença de suas imagens e falas.

Dentro desta perspectiva, o material bruto filmado foi selecionado seguindo a ordem de apresentação das notícias de jornal para os jovens, e os seus discursos foram organizados e editados, privilegiando os aspectos que se destacaram como mais relevantes e elucidativos dentro da temática.

A edição dos depoimentos dos jovens permitiu, portanto, que jovens de espaços diversos e a princípio distantes entre si, pudessem tornar-se interlocutores. Após um minucioso processo de seleção das imagens, pudemos

contrastar o discurso dos jovens relativos a cada notícia, aproximando-os, mas também explicitando suas particularidades, próprias à singularidade do pensar de cada um.

Deste modo, ao editarmos os registros das “Rodas de Conversa” para a produção do vídeo-documentário, propomos um amplo diálogo entre os participantes, reunindo num mesmo recorte temático discursos de jovens provenientes de diferentes contextos sócio-culturais, o que favoreceu o surgimento de pontos de vistas diferentes sobre um mesmo assunto, bem como, em alguns momentos, uma convergência de opiniões, ampliando o debate acerca da temática. Assim sendo, a edição em vídeo tornou possível encontrar aspectos em comum e aspectos discordantes que confrontados converteram-se em um grande debate, revelando os pontos de tensão presentes quando se analisa e discute com os jovens suas experiências com a violência urbana.

A estratégia metodológica de mostrar as notícias para o espectador, e em seguida apresentar os jovens falando sobre as notícias a partir de diferentes pontos de vista, nos remete ao conceito *polifonia* presente na filosofia da linguagem de Bakhtin. Este conceito aponta para a impossibilidade de edificação de conhecimento centrado apenas na consciência individual de um único sujeito. Os sentidos são tecidos no emaranhado de uma teia de significações engendradas no bojo social, ou seja, no âmbito da linguagem. A noção desenvolvida por Bakhtin explicita que qualquer conteúdo pode ser visto de modo plural, sob a forma de diferentes enunciados, e que não se trata de alcançarmos uma verdade última sobre o tema, mas sim tornar a discussão cada vez mais densa, por estar consubstanciada em uma rede complexa de enunciados, apontando possíveis caminhos para elucidar um determinado problema.

O modo como Eduardo Coutinho propõe um acabamento a seus filmes, conforme vimos no capítulo anterior, vai ao encontro desta noção. O diretor procura iluminar o aspecto singular presente em cada discurso, mostrando-nos que cada sujeito é único, enxerga o mundo de um lugar inteiramente original. No seu modo de produção documental concebe a realidade do mundo como sendo polifônica, composta por inúmeras vozes diferentes e dissonantes. Deste modo, o diretor procura garantir uma ilimitada possibilidade de leituras a serem preenchidas pelos espectadores de seus documentários, pois trabalha com a ideia

de que não há um real em si, um único ponto de vista sobre determinado assunto, mas os sentidos são produzidos entre os indivíduos, no encontro mediado pela câmera.

A produção do documentário: “Próxima Parada: Juventude”, revela a intenção de que os discursos dos jovens, situados em grupos sociais distintos, sejam orquestrados num único produto – o documentário - que apresenta uma narrativa que contempla a multiplicidade de perspectivas possíveis para uma mesma questão. Ao confrontarmos os diferentes pontos de vista que surgiram acerca da temática, pretendemos dar uma maior densidade às questões discutidas, demonstrando que não há um consenso sobre o assunto, mas ambigüidade e contradição; não há uma verdade última, mas uma série de valores e concepções distintas sobre o tema.

Deste modo, pretendemos que o vídeo circule por outros espaços, favorecendo que as narrativas alcancem uma intervenção mais efetiva junto a questões de alta relevância social. A proposta foi exatamente a de criar condições e dar possibilidade para os jovens falarem sobre o tema, ampliando as perspectivas através da qual enxergamos determinado assunto, ensejando com isso a possibilidade de outros encaminhamentos para as questões discutidas.

Reunidos no documentário, os discursos ali produzidos ganham a possibilidade de que seus efeitos sejam amplificados, permitindo que venham a contribuir para novas discussões sobre o tema, podendo inclusive ser utilizados como subsídios para a construção de políticas públicas para a juventude.

O processo de criação do roteiro e de edição das imagens é fundamental na discussão sobre o uso da vídeogravação como instrumento de mediação na produção do conhecimento em ciências humanas. Estas tecnologias de reprodução de imagem e som são influenciadas diretamente por aqueles que manipulam os instrumentos, seja ele a câmera ou os programas de edição, ainda que muitas vezes nos esqueçamos disso.

A edição aponta para o desafio imposto ao pesquisador de interpretar o acontecimento do campo, dando-lhe um acabamento. Cabe a ele a tarefa de traduzir as experiências únicas vividas junto a seus interlocutores num produto que faça jus ao acontecimento do campo.

No momento em que se afasta do campo, o pesquisador se vê diante da necessidade de criar um distanciamento com relação aos elementos que surgiram para então emprestá-los uma forma. Mas, ao mesmo tempo, sabe da impossibilidade de se abster do lugar que ocupou na pesquisa, pois participou da negociação de sentidos junto a seus interlocutores. Isso aponta para a tensão existente entre a impossibilidade de se colocar como neutro na produção do documentário - dado a consciência do seu lugar enquanto co-autor dos sentidos produzidos - e o cuidado que deve ter para não contaminar a imagem do outro com os seus próprios valores e pontos de vista, ainda que inevitavelmente estejam presentes naquilo que irá (re) produzir.

Deste modo, a decisão do que será mostrado e de como será mostrado é de responsabilidade do pesquisador. Assim, o vídeo-documentário é gerado no contexto de uma negociação entre os seus valores, suas visões de mundo, e aquilo que experimenta junto a seus interlocutores.

Deve-se considerar, portanto, com especial atenção a importância da edição e subsequente montagem do vídeo-documentário. O discurso, desvinculado de seu contexto, permite diversas significações, o que pode implicar numa inversão total do sentido dado pelo falante, trazendo à tona questões éticas que dizem respeito ao compromisso do pesquisador em buscar ao máximo respeitar as representações criadas pelos sujeitos da pesquisa. Desta forma, o pesquisador deve tomar o cuidado para não tipificar seus interlocutores, encerrando-os em estereótipos que os confinem a uma representação fixa, reduzindo-os com isso, a uma imagem capaz de destituí-los daquilo que possuem de singular e os tornam sujeitos únicos.

Neste sentido, duas questões centrais se colocam ao analisarmos a especificidade do uso da técnica da videogravação em pesquisa, quais sejam: não é apenas com base no discurso do outro que estamos trabalhando, mas também de sua imagem, o que significa dizer que uma vez que o seu rosto poderá ser incluído no vídeo-documentário, aumenta ainda mais a sua responsabilidade por aquilo que fala; co-relacionada a esta primeira questão, o vídeo-documentário divulga o que é dito e vivido, na situação da pesquisa, em meios muito mais alargados, inclusive para além do controle dos pesquisadores autores do processo de intervenção.

Deste modo, aumenta a responsabilidade ética do pesquisador com relação ao destino que dará para os discursos e imagens dos sujeitos que participam da

pesquisa. O pesquisador ocupa um lugar fundamental neste processo, uma vez que é responsável por amarrar os sentidos forjados no campo, sistematizando e organizando o que é dito na forma de vídeo-documentário.

Enfrentamos este desafio no momento da produção do documentário. Durante a pesquisa, tínhamos consciência da necessidade de nossa implicação e comprometimento com relação ao que iríamos (re) construir. Em alguns momentos nos vimos frente a dúvidas e questões sobre se incorporávamos determinadas falas que pudessem prejudicar de algum modo a imagem dos sujeitos envolvidos.

O trabalho com produção de imagens em vídeo na pesquisa acadêmica exige que preservemos os sujeitos deles mesmos, pois no momento em que estão participando da discussão acerca de determinada temática, freqüentemente esquecem-se das implicações e constrangimentos, impostos pela presença da câmera.

Os aspectos referentes ao uso da câmera em pesquisa acadêmica, supra-apontados, nos convocam, portanto, a um posicionamento ético junto aos nossos interlocutores, uma vez que estando também no lugar de diretor/editor, a tarefa do pesquisador é dar corpo ao material que surge dos encontros, não podendo prescindir de um cuidado ético que respeite a imagem e dignidade dos sujeitos da pesquisa.

4.3 Retorno ao campo

Na terceira etapa da pesquisa, voltamos ao campo para apresentar aos jovens que participaram do processo, o vídeo-documentário produzido, compartilhando, deste modo, o produto gerado. O objetivo de apresentar o vídeo era o de indagar a respeito das implicações geradas pelo confronto com os depoimentos de jovens de outros espaços, e ainda saber sobre as expectativas que tinham em relação ao documentário. O retorno ao campo era, portanto, um momento para ouvirmos a opinião dos jovens que participaram da pesquisa, sobre os resultados alcançados com a edição, além de buscarmos compreender, a partir de seus depoimentos, os desdobramentos que um documentário com estas características pode ter. Por questões exclusivamente operacionais retomamos o

contato apenas com os jovens participantes da “Roda de Conversa” realizada na UERJ⁸.

Esta experiência de retorno ao campo nos possibilitou uma análise das implicações desencadeadas pelo confronto do grupo da UERJ com o documentário na sua forma finalizada. Portanto, a estratégia metodológica utilizada neste contexto de pesquisa foi a de apresentar as imagens gravadas para as jovens participantes, dando-lhes a chance de experienciarem uma tomada de consciência de si causada pelo impacto que a própria imagem e a imagem do outro provocam.

Após assistirem ao documentário, as jovens iniciaram a discussão comentando que os discursos de alguns jovens integrantes do PRO-JOVEM de Belford Roxo lhes chamaram a atenção. As jovens da UERJ deram-se conta das diferenças que surgem na linguagem com relação aos lugares de onde falamos, percebendo que aqueles jovens comentavam sobre a violência estando muito mais próximos dela no cotidiano de suas vidas, e isso ficava explícito não apenas no conteúdo, mas também no modo como falavam. Sobre essa impressão causada pelo discurso dos jovens participantes do grupo PRO-JOVEM de Belford Roxo, algumas jovens da UERJ disseram:

Elaine: Um foco bem diferenciado do nosso da UERJ e do pessoal da PUC, porque você vê que eles sofreram uma violência direta muito maior do que a gente. Toda hora eles falam "não porque eu como negro" eu falei, pensei: "to me sentindo até uma negra desbotada agora porque eu não botei isso em momento algum". Entendeu? Então eles têm uma visão assim que sofrem uma violência muito mais direta que a gente, entendeu? (...) E como eles sofrem isso sendo de uma mesma camada que eu - não vou me diferenciar da camada que eles, no caso, ocupam na nossa sociedade -, mas são focos completamente diferentes, assim, por estarmos em locais diferentes, em bairros diferentes.

Érica: Quando aquele menino falou que já teve uma experiência de uma entrevista de emprego no centro, quando chegou no quesito "onde você mora", ele falou: "Belford Roxo", aí o chefe: "pra quem mora em Belford Roxo aqui não dá". Quer dizer, aonde ele vai trabalhar então? Ele falou: "o acesso ao crime tá muito mais aberto, há uma porta larga, eu posso ir, eu sou aceito, então vou ficar aqui perto da minha casa mesmo, trabalho sei lá quantas horas por dia, um trabalho fácil". O caminho tá mais fácil pra violência, pro crime, do que pro trabalho. Porque o trabalho, sério, me chamou muito a atenção.

⁸ Embora a equipe tenha marcado datas específicas para exibir o documentário para todos os jovens que participaram da pesquisa, eles não compareceram, inviabilizando, em parte, a concretização do projeto em suas diferentes etapas.

Eliane: O que mais me chamou a atenção foi o depoimento de um rapaz do PRO-JOVEM, da super via, "matar lá fora". Gente, como assim "matar lá fora"? É um pouco do que ela falou. A gente sempre conhece alguém que já sofreu algum tipo de violência. Eles não, eles sofreram essa violência, uma coisa bem direta, com a gente não. A gente conhece alguém, a gente ouviu de alguém, viu na TV alguém. Mas eles não, eles já são os autores dessa violência.

Os trechos transpostos acima deixam entrever a alteridade implícita na relação eu/outro, tornada explícita pelo vídeo-documentário. Ao se confrontarem com o discurso de jovens que vivem em outra realidade, as participantes adquiriram uma maior visibilidade acerca do lugar diferenciado que estes ocupam na sociedade.

O depoimento das participantes vai ao encontro do que Bakhtin nos diz acerca dos gêneros dos discursos, mostrando-nos que o significado é dado pela prática social a qual está atrelado. Apresentando-nos a linguagem numa perspectiva de ação, não podendo ser, portanto, dissociada do contexto específico de seu uso, o autor nos aponta para o fato de que o conteúdo do que é dito é enformado pelas circunstâncias em que emerge. A câmera é um elemento comum aos três espaços em que a pesquisa foi realizada, porém o que marca as diferenças nos discursos diz respeito aos lugares sociais que os jovens ocupam. Deste modo, o contexto de enunciação está implícito no conteúdo e na forma dos discursos, e a presença da câmera faz com que este contexto se explicita na própria maneira como as imagens se revelam para o espectador. Melhor dizendo, o que estava implícito no contexto se torna explícito a partir da linguagem das imagens. A linguagem falada e a linguagem das imagens se complementam atualizando um tipo de narrativa que explicita o contexto dos atos de fala.

Outro aspecto referendado pelo depoimento das jovens foi o potencial do vídeo-documentário como dispositivo que divulga os resultados da pesquisa, promovendo uma maior difusão e discussão da temática abordada para o âmbito da sociedade mais ampla:

Eliane: É uma sensação muito boa, assim, saber que de alguma forma a gente contribuiu, né, não só para a contribuição do trabalho, mas para essa reflexão de um modo geral acerca da vulnerabilidade que realmente nós estamos passando né, por essa questão da violência. É uma sensação boa, assim saber que a gente contribuiu.

Keila: Eu acho que devia chegar às autoridades. Eu acho que esse documento ficou muito bom. Gostei de assistir e pra que aja uma transformação a partir desse documento ele precisa chegar às autoridades, e aí eu incluo os pais dos adolescentes pra que percebam a realidade que tá acontecendo nas ruas, nas escolas, a questão da violência nos lugares que eles freqüentam, nos bailes, nas boates que existe muita violência. E também os policiais, nossas autoridades, que podem tá assistindo esse vídeo, tirar esse documento para poder fazer um estudo, pesquisa de como podem melhorar sua atuação, seu trabalho, porque é muito importante a atuação dos policiais. E todos os políticos, professores e aqueles que se interessam pelo assunto.

O vídeo-documentário permite que as jovens se vejam numa posição de autoria com relação aos assuntos que lhes dizem respeito diretamente, posição esta que, freqüentemente, não encontram condições de perceber no cotidiano de suas vidas. As imagens gravadas tornam visíveis sujeitos que em muitos casos estão invisibilizados na sociedade.

Elaine: Eu acho que o mais importante nesse trabalho que foi realizado é você mostrar que por mais que os jovens estejam inseridos nessas estatísticas de morte, de violência, você tem uma parte dos jovens que são capazes de estar refletindo sobre o assunto. Que sabem a consequência de seus atos, sabem no caso, o contexto social que aquilo tá acontecendo. Então isso mostra que o jovem tem uma visão também reflexiva de suas ações e as ações de seus pares. Então acho que é isso um foco muito legal desse trabalho. Que você mostra a realidade, mas você mostra que nós somos capazes de refletir sobre a realidade que estamos vivendo. Então você não deixa ele apenas como um ser passivo, mas ativo dentro desse processo de reflexão sobre os atos sociais do momento.

No dia da filmagem para o documentário, as jovens estavam organizadas em semicírculo, o que dava às suas falas um tom mais de debate, ao passo que no momento do retorno à UERJ pretendíamos registrar o depoimento de cada uma delas acerca do que acharam do vídeo-documentário produzido. Portanto, como o nosso propósito era outro, nos preocupamos mais com a parte técnica, tanto no que diz respeito à qualidade da imagem como do som. Isso porque nossa intenção era apenas que as jovens opinassem sobre as questões trazidas pelo confronto com jovens de outros espaços sobre o tema proposto. Por esse motivo, freqüentemente quando começavam a tecer algum comentário sobre o vídeo, nós pedíamos que esperassem para que focássemos a captura da imagem em cada uma delas,

separadamente, e introduzíssemos o microfone de lapela a fim de capturar melhor o som.

Entretanto, sem que esperássemos, as jovens passaram do meio para o fim do encontro, a problematizar a presença da câmera, sublinhando para nós a diferença de método empregada nestes dois momentos distintos, o da filmagem do vídeo e o da filmagem naquela ocasião específica de retorno ao campo para apresentar o documentário em sua forma finalizada. Como consequência, percebemos o quanto os depoimentos foram marcados por esta nova organização do uso do espaço e dos aparatos técnicos, modificando inclusive a nossa relação com as jovens.

Eliane: Mas esse negócio de “põe microfone, tira o microfone”, “faz isso, faz aquilo”, “não, espera um pouco”, isso intimida. Porque, por exemplo, no outro (encontro) eu tava muito mais a vontade. Hoje eu to até com medo. É porque o ideal é assim: que a câmera estivesse invisível né? Se tivesse uma capa de invisibilidade seria o ideal porque a gente falaria até com mais segurança, acredito. Mas assim: hoje, hoje eu sinto muito mais a presença da câmera que da outra vez. Acho que até pela nossa disposição. Porque da outra vez a gente estava em círculo. Então a gente, por exemplo, eu tava me dirigindo a uma fala dela, eu me virava para ela e hoje não. A gente tá focadinho, aí bota o microfone e tira.

Elaine: Até porque a discussão tava muito maior, porque com o calor da discussão você esquece que tem a câmera. Mas quando vem e para: “calma aí que você vai falar”, “põe o microfone assim”, aí você fica meio intimidado...

Os depoimentos acima nos mostram que o contexto de enunciação constrange o que é dito, apontando-nos para a importância de levarmos em consideração o caráter circunstancial e provisório dos discursos, pois muitas questões passam a ser ocultadas, dependendo da dinâmica proposta. A fala das jovens nos dá indícios de que, uma vez alterado o modo como a câmera é usada na dinâmica, passam a regular de outro modo aquilo que podem ou não dizer diante da sua presença.

Desta forma, o modo como o dispositivo técnico é utilizado interfere no conteúdo e na forma com a qual os discursos são produzidos; ou seja, os discursos são inteiramente influenciados pelo arranjo a partir do qual a câmera se insere no debate. Neste sentido, ao alterarmos o uso da câmera, as jovens nos

devolveram o lugar distinto que passou a ocupar na dinâmica. Ao assistirem à própria imagem no vídeo, e serem logo em seguida convidadas a comentar o que viram, as jovens estabeleceram uma maior consciência a respeito da presença da câmera, ficando mais atentas às suas implicações.

Neste momento, as participantes reconheceram que os discursos são moldados pelas circunstâncias em que são proferidos, pois no contexto específico de comentário a respeito do filme assumem um caráter de depoimento, fazendo com que o ponto de partida da fala leve em conta de modo mais direto os eventuais usos que podem ser atribuídos posteriormente. Ou seja, neste contexto específico, o conteúdo e a forma do discurso é conscientemente moldado para este fim, considerando os outros “invisíveis”, o público desconhecido para o qual se endereça. A seqüência de falas abaixo demonstra o diálogo desenvolvido pelas jovens acerca desta questão:

Elaine: Isso também faz com que você “manere” sua fala em algumas coisas e também às vezes se enrole porque às vezes você tá pensando em alguma coisa aí você fica “aí que droga de câmera”. Você começa a se enrolar porque você fica: “não, vou colocar com outras palavras”, entendeu?

Érica: É uma coisa também que tá sendo gravada né? E então a gente não tem aquela coisa “ah, vou falar qualquer besteira aqui que depois todo mundo vai esquecer o que falei” Ali não (apontando para a câmera) a gente sabe que vai ver de novo e de novo e de novo

Keila: É que nem escrever e falar. As pessoas falam com facilidade. Na hora de escrever e colocar no papel pensa dez vezes porque alguém vai ler aquilo, é um documento. Então você falar com a câmera é você estar escrevendo praticamente. Alguém vai ver o que to falando. É um documento. Então você fala com mais dificuldade.

Os depoimentos apontam para a responsabilidade que a câmera impõe com relação ao fato de que sublinha a autoria do sujeito que fala, aumentando o compromisso em relação ao que é dito. Os discursos só acontecem uma única vez, o que faz com que não haja alibi para o que está sendo dito. O sujeito é convocado a responder pelos seus atos de fala, e a câmera intensifica o sentimento de que aquele momento não poderá ser repetido.

A especificidade do retorno ao campo no que concerne a uma maior consciência das jovens acerca do lugar ocupado pela câmera, é que além de saber

que estão sendo filmadas, vivem agora a experiência de assistir ao produto do que foi filmado, confrontando-se com um acabamento dado àquilo que haviam falado anteriormente.

Eliane: Eu acho que principalmente porque a gente já foi filmado e a gente já viu o produto. Então eu acho que por a gente já ter visto: “gente como é que eu falei aquilo? Gente que vergonha!” Entendeu? Então por a gente já ter visto um produto, o resultado final de uma etapa, a gente já tá até com medo de ver da próxima etapa: “ai meu deus, eu vou falar besteira de novo?”, já que outras pessoas vão ver.

Elaine: É, você se “embanana” toda. Ela castra um pouco, a câmera. Acho que quanto mais, vamos supor, se a discussão aqui tivesse muito calorosa, aí ela ia passar despercebida porque você ia tá tão envolvida dentro daquilo que você tá falando, que você ia tá pensando em tanta coisa que você ia esquecer, como foi um pouco da outra vez. Agora, quando tem todo esse processo, essa formação também, do jeito que tá sendo colocado, ela acaba castrando você também um pouco. Acho que talvez outras pessoas fariam se a sala tivesse exposta de outra maneira, se o microfone fosse outro, se já não tivesse visto uma etapa do trabalho.

As jovens aproveitaram a ocasião de comentar o vídeo-documentário para trazer à tona as implicações de se confrontarem com as suas imagens na tela, sentindo-se ainda mais inibidas pelo “olhar” da câmera, novamente voltado para elas. O vídeo promoveu uma duplicação da própria imagem, desencadeando nas jovens uma série de preocupações acerca da reprodução e dos eventuais usos que dela podem ser feitos.

No primeiro encontro realizado, após algum tempo, as jovens incorporaram a presença da câmera, naturalizando-a. Como estavam numa situação de discussão acerca de uma temática específica, as jovens de certo modo esqueceram-se dela, abstraindo-a.

Esse segundo momento de retorno ao campo constitui outra etapa no confronto com a câmera, ocasionando uma consciência e um estranhamento maior com relação ao lugar que ocupa na dinâmica proposta. Deste modo, o confronto com a própria imagem na tela do vídeo desencadeou nas jovens uma série de sensações que possibilitaram uma tomada de consciência maior acerca de si mesmas.

Este fato nos remete ao conceito *exotopia*, presente no pensamento de Bakhtin, pois ao reunir num único produto, jovens de diferentes contextos, abre-se a possibilidade de que adquiram um excedente de visão acerca do lugar único que ocupam no mundo.

As imagens reproduzidas devolveram às jovens um *excedente de visão* o qual, sem o vídeo-documentário, não poderiam ter acesso. Nem mesmo quando interagimos com os outros experimentamos tamanho acesso à imagem do que somos. O vídeo representa, portanto, a possibilidade de um olhar capturado pelo aparato técnico que nos chega de um lugar de fora, olhar exotópico - na concepção designada por Bakhtin - que nos devolve uma imagem acabada de nós mesmos.

Eliane: *Você vê como as pessoas estão lhe vendo. Aí você fala “gente...”. (...) A minha voz conseguiu ficar mais fina no vídeo do que pessoalmente. (...) Eu descobri como eu tenho um jeito debochado, né, porque teve uma hora ali que eu falei: “eu sou o deboche em pessoa”.*

Elaine: *A gente se vê sobre um outro ângulo, né, sobre outro prisma.*

Keila: *Eu acho que ninguém gosta de se ver no vídeo. Sempre você acha um defeito: “Ai, eu sou assim?! Ai, eu sou esquisito!”. (...) Eu não gosto de ouvir minha voz e nem gosto de me ver.(...) Gente, isso é muito interessante! Você acha que é uma coisa, não, você é outra.*

Portanto, faz-se interessante notar que a compreensão de si e do outro, torna-se neste contexto, inteiramente singular, pois se dá sob o “olhar” atento da câmera, dispositivo técnico que se configura como um *excedente de visão* para todos os interlocutores envolvidos na pesquisa.

A partir desta reflexão, constatamos que a experiência coletiva de “ver e ser visto” propiciada pela presença da câmera, amplia o campo da nossa percepção transformando o conhecimento e a linguagem, inaugurando com isso uma compreensão de si e do outro inteiramente singular. Trata-se, portanto, de uma negociação permanente de produção de linguagem entre o grupo e o pesquisador mediados pelo aparato técnico da vídeogravação.

Portanto, além de favorecer o encontro de jovens de realidades e meios sociais distintos, engrossando e ampliando o debate sobre a temática desenvolvida, o vídeo-documentário oferece ainda aos participantes a possibilidade de se confrontarem com a própria imagem, adquirindo outra

consciência do caráter singular de suas existências, e do lugar único que ocupam no mundo.

A experiência proporcionada pelo retorno ao campo nos incitou ainda mais na reflexão sobre as implicações da técnica na produção do conhecimento em pesquisa acadêmica. Identificamos, com isso, a necessidade de se pensar criticamente sobre este uso específico da vídeogravação em pesquisa, reafirmando a importância de se investigar, com maior profundidade, as consequências no modo como estes aparatos agem na produção de conhecimento, produzindo sentidos singulares no campo.